



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-floresta-sabe/>

A floresta sabe, as cidades não: águas fazem histórias

Fernanda Carla de Moraes Augusto[1]

Marina Guzzo[2]

RESUMO: Os rios que nos atravessam têm algo a dizer, nos transformam. Contam das vidas tantas, dos mundos, da História e das histórias. Rio adentro pelas Amazônias e florestas se abrem, se compõem com as águas. As florestas sabem. Rio abaixo pelas cidades e as águas afogam. Mergulhando entre cidades e florestas, nos colocamos a pensar as mudanças climáticas, o colapso socioambiental e as crises tantas que os acompanham – econômica, ecológica, política. Em tempos de Antropoceno, a lógica colonial-capitalista-patriarcal-racista nos sufoca, humanos e não humanos, de maneira desigual. Destruição ambiental, desmatamento, exploração ilimitada, uso de combustíveis fósseis, fascismos. Produção em série de catástrofes. Cenários de fim de mundos. Que histórias outras fabular? Que diferentes horizontes se anunciam? Que reflorestamentos e reidratações em subjetividades são possíveis? Como acessar vidas? Como produzir resistências? Experimentamos águas e palavras para produzir afetos, ideias, pensamentos, apostas, respiros. Um texto-convite para se molhar.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias-águas. Crise socioambiental-econômica-ecológica-política. Mudanças climáticas. Territórios. Antropoceno.

The forest knows, the cities don't: waters make stories



ABSTRACT: The rivers that cross us have something to say, they transform us. They tell about so many lives, about worlds, about History and stories. Upstream through the Amazons, and forests open up, blending with the waters. The forests know. Downstream through the cities and the waters make drown. Diving between cities and forests, we start to think about climate change, socio-environmental collapse and the many crises that accompany them – economic, ecological, political. In Anthropocene times, the colonial-capitalist-patriarchal-racist logic suffocates us, humans and non-humans, in an unequal way. Environmental destruction, deforestation, unlimited exploitation, use of fossil fuels, fascism. Mass production of catastrophes. End of worlds scenarios. What other stories to fable? What different horizons are announced? What reforestations and rehydrations in subjectivities are possible? How to access lives? How to produce resistances? We experiment with waters and words to produce affections, ideas, thoughts, bets, breaths. A text-invitation to get wet.

KEYWORDS: Water-stories. Socio-environmental-economic-ecological-political crisis. Climate change. Territories. Anthropocene.

Eu cheguei com meu tênis de trilha perguntando onde era a entrada do Parque Nacional. O senhor sentado na sombra me olhou com calma e apontou com o dedo para o rio. Ficava lá, uma entrada em cada vão entre as árvores no meio do rio. A floresta também era rio. A trilha seria de barco. Um pequeno barco, que pode desligar seu motor e seguir com remos. Um labirinto aquático, sem porta de entrada ou de saída, sem setas. Entre troncos, plantas, folhas, pássaros, peixes, insetos, fungos, feixes de luz do sol. Entre ilhas de floresta. Um caminho de entres. Um barqueiro-bússola.

Lá no meio, na floresta densa alagada, o Rio Negro refletia a infinidade de espécies até às alturas, e permitia ver seus fundos, de raízes, galhos, bichos, terra, luzes. O período de cheia estava acabando, era possível ver as marcas da água que começava a baixar. Em outros meios, onde o rio se abria mais



largo entre as copas das árvores, ele experimentava ser céu. Paletas de azul, branco, verde, sombras. A paisagem estava vibrante. Dava para sentir no corpo. Corpos em êxtase. A floresta compõe a vida com as águas cheias. Anavilhanas. Amazônias.

A cidade onde moro alaga ruas com uma breve chuva forte. Com uma longa chuva, transborda seus canais. Existem bairros que, mesmo sem chuva, alagam com a subida da maré. Com chuva, maré alta, ressaca do mar, se anuncia o caos. Nem precisa de um evento climático extremo para suas tragédias. Com as mudanças climáticas e o aumento do nível do mar, parte de seu território vai alagar - sem retorno. É questão de tempo e do que será feito nesse tempo. Santos tem urgências. Mas para alguns parece ser melhor não saber. A especulação imobiliária segue plena. A cidade dos prédios, a mais vertical do país. A cidade com o maior porto da América Latina. A cidade com a maior favela de palafitas do Brasil. Entre Santos e São Vicente, o Rio dos Bugres, o segundo mais contaminado por microplásticos no mundo. Colecionando recordes. A cena do racismo ambiental, em meio ao que restou de Mata Atlântica. Será também uma cidade recordista em número de refugiados climáticos, em um futuro próximo?

A floresta-rio sabe viver alagada. As cidades, não. O Rio Negro é casa, é alimento, é caminho, é sustentação, é refúgio por onde passa. É vermelho, amarelo, laranja. É fluxo para o Rio Amazonas, que reflete a lua em suas distâncias de águas, que banha os bois-bumbás Caprichoso e Garantido, que recebe o Rio Tapajós, o Rio Xingu e outros mais de mil, compondo a maior bacia hidrográfica do mundo. Lá onde as correntezas carregam vidas outras. Vidas ribeirinhas, vidas indígenas, vidas multiespécies. Lá onde se espalham igarapés e igapós.

O rio que corre em mim me levou até lá. Deparou-se com uma “experiência que nos ‘anima’, que nos faz testemunhar o que não somos nós” (Stengers, 2017, p. 11). E, meses depois, ele secou junto com a seca histórica que aconteceu na Amazônia. Um fim de mundos. Que viria a se repetir no ano seguinte. As águas do Rio Solimões chegaram a quarenta graus. Cozinharam os rios. Outra seca devastadora no Norte.

No Sul, um Estado do país alagado. No mesmo ano, 2024. As cidades sufocam sob as águas. Com seus concretos, seus esgotos, seus lixos. Entre as histórias da História que vivo, vejo o Rio Grande do Sul



embaixo d'água. Um Estado alagado. Um estado de calamidade. Milhares de desabrigados e desalojados. Mortes incontáveis entre humanos e não humanos. Um estado que não é passageiro, que não é casual, que não é exceção, que não é inesperado, que não é natural. Um estado de crise. Permanente. E o céu caiu (Kopenawa, 2015) no Rio Grande do Sul.

No entre o Sul e o Norte, fogo. Incêndios florestais, em diferentes ecossistemas, e fumaça pelos Brasis. Fogo em grande parte provocado por ação humana, e alastrado pela situação climática crítica. Biomas virando pasto, árvores virando fumaça, inúmeras espécies virando cinzas. Os poderosos do agronegócio, da grilagem de terras e da exploração ilegal do que nomeiam como recursos naturais, celebram. Até quando? Ondas de calor, tempestades, enchentes, seca, fogo, desmatamento, fumaça de queimadas cobrindo os céus, águas cozinhando rios. Fins de mundo.

Entre o colapso socioambiental, a crise climática e outras crises tantas - econômica, ecológica, política - vamos produzindo nossas catástrofes. Os tempos de Antropoceno são as obras máximas da lógica colonial-capitalista-patriarcal-racista. Com suas dragas e seus destroços.

o conjunto de transformações vai muito além da crise climática: em adição às mudanças da composição química da atmosfera em função de poluição e queima de combustíveis fósseis, estão as transformações do solo e dos ecossistemas, levando à redução dramática e acelerada da biodiversidade (configurando a sexta grande extinção de espécies de animais da história do planeta); a acidificação dos oceanos; o derretimento das geleiras, afetando a salinidade dos oceanos e as correntes marítimas; e a disseminação indiscriminada de plásticos, em forma de lixo, responsável pela contaminação de todas as cadeias tróficas – incluindo, portanto, a alimentação humana – com microplásticos. (Guzzo; Taddei, 2019, p. 74).

Os anos de 2023 e 2024 bateram recordes em médias de temperaturas, o aquecimento global antecipou previsões e expectativas. A avó de uma amiga conta que ali naquele ponto da Baixada Santista já teve mangue, que não havia concreto, que a cidade empurrou o mar. Ela intui que um dia as águas vão voltar. Em março de 2020, junto com a chegada da pandemia de Covid-19 na Baixada, vieram também temporais, inundações, deslizamentos de terra, desabrigados, desalojados, desaparecidos e a morte de 45 pessoas.



Escrevo em meio a uma onda de calor. É fevereiro de 2025 e está difícil de dormir, de comer, de respirar, de ir e vir. O calor é o assunto, o que domina a cena, o que perturba sem trégua. O termo “onda de calor” entrou no cotidiano. O verão em Santos tem mostrado onde pode chegar, tem contado de um futuro impossível. A tempestade veio e alagou casas, avenidas, o barro cobriu ruas. Parou a cidade. O que está por vir?

Eu moro na avenida da praia, e com chuva forte, não entro nem saio do meu prédio, a calçada alaga, junto com os bueiros, e o barro desce do morro. Já perdi vários compromissos, já precisei passar com as águas nos joelhos, e a virose se espalhava pelo litoral. Na região periférica, as pessoas ficam ilhadas por horas, os canais transbordam, as casas enchem, algumas ruas viram rios. Rios de esgoto, lixo, águas podres. Há dias em que moradores nem chegam ao trabalho, e outros em que não sabem se vão conseguir voltar para casa. O que está por vir?

Nas Amazônias, existem casas que flutuam com a cheia dos rios, sobem e descem com as águas. Onde vivem pirarucus, tambaquis, tucunarés. Dizem que por lá as crianças aprendem a nadar desde muito novas, uma questão de sobrevivência, uma questão de viver *com*, de viver junto das águas, de ser parte da paisagem. Sabem coabitar com macacos, bichos-preguiça, botos, jacarés, formigas. Crianças-floresta. Conhecem as várias espécies de formiga e respeitam suas sabedorias, como aquelas que podem deixar com febre uma pessoa, ou aquelas que podem ser um repelente natural de insetos. As crianças também sabem dirigir pequenos barcos, e com eles buscar alimentos e carregar outras crianças. A floresta sabe viver com as águas, as cidades não.

O turista chegou com seu relógio caro e sua cara branca questionando com grosseria uma mulher moradora do local sobre o que havia para fazer ali. Ela disse que logo sairia um grupo guiado pela trilha da mata. Ele quis saber para que serviria isso. Ela respondeu que algumas pessoas gostavam de ir até lá para ver as árvores grandes. Ele insistiu perguntando o que haveria de importante nisso. Ela falou que não sabia, mas que tem gente que nunca viu e quer ver. Era a Floresta Nacional do Tapajós. Eram quilômetros de barco para chegar até aquela comunidade tradicional na beira do rio. Imagino que a mulher pensava o que estaria ele fazendo ali. Gostaria a floresta de conhecê-lo? O que o



autorizaria a tal atitude? Em um chão que não era o dele, no qual ele pisava sem convite e sem licença.

As histórias que vivemos no período histórico desses escritos são atravessadas também por movimentações fascistas. Que promovem a desqualificação e invalidação daquilo que difere, um desprezo pelo que não é espelho, ares de superioridade, de supremacismo. Que movimentam ódio, medo, violências, manipulações, mentiras, fake news, negacionismo, moralismo hipócrita, extremismo, desejos obscuros, abismos. Rios de águas contaminadas, de lamas tóxicas. A expansão de ares fascistas é como um agrotóxico no campo social, que vai envenenando aos poucos, adoecendo, alienando, sorrateiro, improvável, e quando a gente se dá conta, já ganhou corpo, virou catástrofe.

Como histórias viram História? Crise climática, emergência climática, novo regime climático: emergência do novo regime climático em crise. Em meio ao colapso socioambiental, em meio a fascismos. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno são nomeações possíveis e potentes para o evento-limite que representam, de largas escalas, destrutividades, forças, velocidades, complexidades, que evidenciam o impacto do ser humano no planeta (Haraway, 2016). As mudanças climáticas e ambientais impactam em ecossistemas, na agricultura, na segurança alimentar, na disponibilidade de água e alimentos, na poluição atmosférica, na distribuição de vetores, na intensidade e frequência de chuvas e de desastres.

A problemática ambiental-ecológica é também questão de gênero, de raça, de classe, de especismo. O conceito de racismo ambiental (Ferdinand, 2022) vem dar visibilidade às populações mais expostas a resíduos tóxicos e poluentes, aos riscos cotidianos e aos eventos extremos, e também ao modo como degradações ambientais reforçam dominações sobre pessoas empobrecidas e racializadas, em uma conexão fundamental de violências, que criam condições de desvalorização de certas vidas, humanas e não humanas, em uma lógica colonial-patriarcal-racista de exploração que tem como base a destruição ambiental.

Em costuras de dimensões interseccionais, antirracistas, ambientais, problemáticas capitalistas e formas de resistência, Malcom Ferdinand (2022) propõe uma ecologia decolonial. Coloca o colonialismo e a escravidão como bases da construção de um mundo fundamentado na destruição



ambiental. Em meio ao que nomeia como *tempestade moderna*, o *navio-mundo* passa pela sexta extinção em massa de espécies, poluição química de águas, aceleração do aquecimento planetário, que se somam às destruições sociais e políticas existentes e atingem as populações de maneira desigual. A ecologia decolonial seria então um caminho para um horizonte de um mundo comum.

A ecologia decolonial articula a confrontação das questões ecológicas contemporâneas com a emancipação da fratura colonial (...). A urgência de uma luta contra o aquecimento global e a poluição da Terra insere-se na urgência das lutas políticas, epistêmicas, científicas, jurídicas e filosóficas, visando *desfazer* as estruturas coloniais do viver-junto e das maneiras de habitar a Terra que mantêm as dominações de pessoas racializadas, particularmente das mulheres, no porão da modernidade. (Ferdinand, 2022, p. 34).

Impactos planetários sustentados também por impactos na produção de subjetividades. Modos de subjetivação que sustentam um mundo de explorações sem limites de humanos e não humanos, de excessos, produtivismo, consumismo, insatisfação, competição, lucro, que consomem o planeta, que comem montanhas (Krenak, 2020), que produzem destruição ambiental, desequilíbrio ecológico, mudanças climáticas, misérias, desigualdades, processos de subalternização, de controle, de dominação, de assimetria em relações de poder. Subjetividades e desejos também movem e inventam mundos. Como resistir às desidratações do desejo e às monoculturas de subjetividade da lógica colonial-capitalista? Quais os aquilombamentos e reflorestamentos de subjetividades possíveis e urgentes? Como cultivar, regar, inventar outros modos de existência?

Os povos indígenas e quilombolas têm nos ensinado a ampliar nossos olhares para os mundos, a viver *com*, a ser parte de um planeta vivo, e não seu explorador. Trazem pistas para um movimento contracolonial, para outros modos de vida, de relações, de políticas, de práticas, de discursos, de cuidados, de desejos, de resistências. Davi Kopenawa (2015) nos alerta sobre a queda do céu, Ailton Krenak (2020) nos dá pistas sobre como adiar o fim do mundo, Ana Mumbuca (2022) sobre um viver coletivo-aquilombado e poético, Antônio Bispo dos Santos (2018) sobre confluência, transfluência e os



rios do céu. Apontam a emergência climática como herança da branquitude. Suscitam processos de aquilombamento e reflorestamento de si e de mundos.

Processos de amazonização e de desbranqueamento: “a amazonização do mundo é um movimento para derrubar a hegemonia do pensamento ocidental, patriarcal, branco, masculino e binário que vem dominando (...) e exterminando (...) todas as outras formas de se perceber no mundo, para o mundo e com o mundo.” (Brum, 2021, p. 51). Águas outras, geografias outras, biologies outras, cosmos outros. Em meio aos abismos, as possibilidades de encontros de espécies companheiras, de narrativas especulativas, de criação de teias, de emaranhados, de nós, em devir-com (Haraway, 2022).

Nessa dança, linhas de vida se cruzam nas florestas, em seus rios, em seus ares, performam, compõem paisagens multiespécies: “A interdependência entre as espécies é um fato bem conhecido - exceto quando diz respeito aos humanos. O excepcionalismo humano nos cega.” (Tsing, 2015, p. 184). Natureza e cultura são inseparáveis, humanos são também enredados em teias de domesticação. Podemos experimentar vegetalizar a sensorialidade e descolonizar a imaginação (Myers, 2021). Somos frutos acidentais dos cultivos celestes e terrestres feitos pelas plantas:

As plantas são as jardineiras de nosso mundo e o objeto de sua jardinagem não é exclusivamente o solo, a crosta terrestre, mas também o céu: a primeira e mais originária forma de agricultura não é a que se faz na terra, mas a agricultura celeste que as plantas fazem em nossa atmosfera. Ou, para dizê-lo de maneira mais direta, a paisagem é sempre uma figura do céu, não uma configuração particular da superfície do planeta. A paisagem é um ritmo do sopro. É sempre uma configuração climatológica e meteorológica, não uma construção geométrica ou geológica. A paisagem originária é o clima: a terra e sua forma superficial são apenas seus acidentes. (Coccia, 2018, p. 9).

A Amazônia, a maior floresta tropical do mundo, com seus rios voadores, é também reguladora do clima no planeta: “Uma única árvore grande lança na atmosfera, pela transpiração, mais de mil litros de água por dia. A floresta inteira lança, a cada 24 horas, 20 trilhões de litros de água. Como comparação, vale lembrar que o rio Amazonas lança menos que isso no oceano Atlântico.” (Nobre apud Brum, 2021, p. 131). A floresta sabe, as cidades não.



As cidades precisam saber. Precisam agir, intervir nesse modo de produção de cidades inviáveis, de formas de viver insustentáveis, de um mundo inabitável. Precisam de mitigação, de adaptação. O tempo se esgota, derrete junto com as geleiras. A lógica capitalista, sua exploração ilimitada e seus combustíveis fósseis nos aproximam do abismo, do ponto de não retorno, da queda do céu. O não saber e o não querer saber também. Ou mudamos essa História, ou ela nos afoga, nos queima. Precisamos nos desfazer, nos reinventar, “aprender a prestar atenção a esta terra que vem prestando muita atenção a todas as transformações que estão tomando forma ao seu redor há tantos anos. As plantas e as árvores são, elas próprias, sensores notavelmente sensíveis”. (Myers, 2022).

Águas contam histórias. Os rios que nos atravessam têm algo a dizer, nos inundam, enunciam os tempos, o porvir. Com eles, aspiramos aqui inventar uma linguagem que pulse, desloque, provoque. Com um destino ético de movimentar afetos, olhares, diferenças, tecer linhas de composição estético-políticas. Inventamos línguas para acessar vidas: “nesses tempos de extinção, precisamos de outras histórias para nos ensinar a mudar nossa relação com o mundo, torná-lo menos violento, menos mecânico, menos dominador” (Despret, 2013). Ancoro no pensamento de Ailton Krenak de que é muito medíocre não conseguir pensar outros mundos. Pego minha mediocridade e tento fazer dela uma correnteza, um escrito, um respiro, um possível.

Águas fazem histórias. Atravessam vidas, olhares, subjetividades. Levam, trazem, reviram. Podemos compor com as águas. Podemos nos afogar. A lógica de exploração nos consome, nos devora - humanos e não humanos. Ou vivemos juntos, ou não viveremos. As águas anunciam as crises tantas de um mundo. As águas resistem, desejanter por seguir, por passagens, por brechas, por voos. Águas mudam histórias.

As águas amazônicas me ensinaram que as trilhas podem ser aquáticas, que as entradas, saídas e caminhos podem ser múltiplos, que barqueiros podem ser bússolas, que rios podem ser casa, abrigo, estrada, sustento. Que a floresta reluz sob as águas. Que rio e céu se misturam como espelhos. Que em uma árvore podem conviver inúmeras espécies entrelaçadas. Que barcos carregam redes, pessoas, alimentos, encomendas, dinheiro, lixo, confusões, alegrias, calores, horizontes, planos, sonhos, nascer e pôr do sol. Que minha fragilidade tão humana me desidrata em diarreia por beber água não



devidamente filtrada. Que de Manaus a Belém as Amazônias são muitas. Que os peixes, as frutas e os sorvetes podem ter sabores inéditos. Que sou gota. Que existem tantos mundos que desconheço. Que a floresta pode ser rio. A floresta-rio sabe *com* as águas.

Nos rios que correm nas Amazônias, os rios que correm em mim entraram no ritmo do sopro, do sensível, do cultivo, de banheiros, em devir-voadores. Seguem buscando aprender com a sabedoria das formigas, das sumaúmas, dos encontros das águas, dos igarapés. Seguem fabulando resistências em meio a colapsos, ruínas, crises tantas. Seguem compondo paisagens e se deixando encantar por seus vagalumes, ora reluzentes, ora invisíveis, ora instigantes, ora analisadores, ora aqui, ora ali, ora um mistério.

Mergulho nessas histórias-rio contando das belezas e durezas de um mundo, e de outros mundos que existem junto, apesar dele. Florestas e cidades têm seus seres viventes, seus desejos, seus sonhos, seus modos de entender e compartilhar a vida. Em uma cidade pulsam muitas cidades diferentes, desiguais, desconexas. Divergências culturais, históricas, políticas, econômicas, enxarcadas por questões de gênero, raça, classe, racismo ambiental. As mudanças climáticas alcançam a todos, mas com intensidades e efeitos discrepantes. O colapso socioambiental há muito se anuncia, uma questão de tempo. O que tem sido feito nesse tempo? Que tempos estão por vir?

Entre cidades e florestas, a maior bacia hidrográfica do mundo vai atravessar a Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas - COP 30, em Belém, em breve. Com seus povos-floresta, carimbós e boi-bumbá. Com suas múltiplas espécies e seus seres encantados, que insistem em existir. Com suas águas amazônicas que movem mundos. Com as sabedorias da floresta como afirmação, inspiração e transgressão. Que possam reidratar subjetividades, desejos, imaginações. Afogar as marcas da colonialidade e seus assombros. Exigir justiça climática, responsabilização e providências improrrogáveis de líderes de um mundo que está devastando outros tantos. Somos água, e só há vida no enredamento com águas outras, no viver *com*. A resistência coexiste com o poder. Vivemos tempos decisivos. E águas fazem História.

Bibliografia



BRUM, Eliane. **Banheiro òkòtó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

COCCIA, Emanuele. **A virada vegetal**. São Paulo: N-1edições, 2018.

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se... **Chão da Feira** - Caderno de Leituras, n. 45, 2016.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

GUZZO, Marina; TADDEI, Renzo. Experiência estética e antropoceno: políticas do comum para os fins de mundo. **Desigualdade & Diversidade**, n. 17, p. 72-88, 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46021/46021.PDFXXvmi=>>. Acesso em: 15 jan. 2025.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom**, Campinas, n. 5, 2016.

HARAWAY, Donna. **Quando as espécies se encontram**. São Paulo, Ubu Editora, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MUMBUCA, Ana. Ser Quilombo. In: SANTOS, A. B. et al. **Quatro Cantos**: Volume 1. São Paulo: n-1 edições, Roça de Quilombo, 2022.

MYERS, Natasha. Cómo cultivar mundos habitables: Diez pasos (no tan fáciles) para la vida em el Plantropoceno. **Climaterra**, 2021. Disponível em: <<https://www.climaterra.org/post/c%C3%B3mo-cultivar-mundos-habitables-diez-pasos-no-tan-f%C3%A1ciles-para-la-vida-en-el-plantropoceno>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

MYERS, Natasha. Ecologias indomáveis: descolonização do sensorium ecológico em um acontecimento natural cultural de 10.000 anos de idade. **ClimaCom – Políticas vegetais** [Online], Campinas, ano 9, n.23, dez. 2022. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/ecologias-indonmaveis/>>. Acesso em 30 jan. 2025.

SANTOS, A. B. Somos da terra. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, n. 12, p. 44-51, 2018. Disponível em: <<https://piseagrama.org/somos-da-terra/>>. Acesso em: 15 jan. 2025.



STENGERS, Isabelle. **Reativar o animismo**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2017.

TSING, Anna. Margens Indomáveis: cogumelos como espécies companheiras. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 177-201, 2015.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp. Email: moraes.fernanda@unifesp.br

[2] Professora Associada da Universidade Federal de São Paulo e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências da Saúde - Unifesp. Email: marina.guzzo@unifesp.br